

A ESCRITA DE TEXTO NA INFÂNCIA: QUESTIONAMENTOS E DIÁLOGOS

Lorena Bischoff Trescastro*

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar um estudo sobre a escrita de texto por crianças no 3º ano do Ensino Fundamental. O corpus foi constituído por trinta textos, cuja consiga apresentou oito questões sobre a temática a ser abordada. Na análise, agrupamos os textos em três tipos: (1) a criança apresenta uma ‘imagem de texto’; (2) o texto apresenta um ‘complemento às questões’; (3) a criança escreve texto ‘autônomo’. Os textos das crianças foram marcados pelo molde que as questões forneceram, mas também estão impregnados de cultura e de subjetividade.

Palavras-chave: Escrita de texto. Infância. Ensino Fundamental.

WRITING TEXT IN CHILDHOOD: INQUIRIES AND DIALOGUE

ABSTRACT

This paper aims to present a study on the text written by children in the 3rd grade of elementary school. The corpus consisted of thirty texts, which can presented eight questions on the subject to be addressed. The analysis grouped the texts into three types: (1) the child has a 'word picture'; (2) the text presents a ‘complement to the questions’; (3) the child writes text 'autonomous'. The texts of the children were marked by mold that questions provided, but are also steeped in culture and subjectivity.

Keywords: Text Writing. Childhood. Elementary School.

* Mestre em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), pela Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém - Pará.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar um estudo sobre a escrita de texto por crianças no 3º ano do Ensino Fundamental. O estudo que ora apresentamos é parte da pesquisa em andamento no Curso de Doutorado em Educação, na linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade, mais especificamente no Grupo de Pesquisa ECOS – Constituição do Sujeito, Cultura e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Pará - PPGED/UFPA, sob a orientação da Profª. Dra. Laura Maria Silva Araújo Alves (UFPA) e a coorientação da Profª. Dra. Marly Amarilha (UFRN).

A criança que escreve é vista, neste estudo, não apenas como reprodutora de um discurso adulto, mas como um sujeito social, que ao interagir com o discurso do outro se constitui em produtor de cultura. Fundamentados nos estudos da Sociologia da Infância, que dá visibilidade ao ator social criança, constantemente excluído e silenciado no trato e na relação com a cultura e a sociedade, buscamos nos textos infantis evidências de transgressão, invenção e diversidade (SANTOS, 2012). Além disso, tomamos o texto da criança como uma mensagem que ela nos envia, portanto entendido como um discurso suscetível de se estabelecer interlocução e instigar, no decorrer da pesquisa, diálogos e questionamentos.

Com relação às práticas escolares de escrita de textos, entendemos que toda criança tem direito a aprender a ler e a escrever textos nos anos iniciais de escolaridade, para tanto é tarefa dos professores ensiná-las. Na escola, para além do ensino das letras, das palavras e das relações grafo-fonêmicas, as interações, as relações com a cultura e as práticas sociais de uso da língua são fundamentais para a apropriação da escrita pela criança (ROJO, 2006). Portanto, são criadas propostas metodológicas, fundadas na interação verbal, que possam mediar a aprendizagem da criança e provocá-la a escrever textos próprios.

Uma dessas propostas é a formulação de uma consigna com base em questões. Tal proposta de produção de texto escolar pressupõe uma criança leitora que ao ler as questões possa produzir uma resposta escrita. A interação constitui na troca entre um *eu* e um *tu*, neste caso o diálogo se instaura quando o *eu* do professor remete as questões a um *tu* que é a criança e o *eu* da criança, em resposta às questões, escreve para um *tu* que é o professor. Neste sentido, é a atividade de escrita na sala de aula um processo dialógico, uma vez que o diálogo não se restringe apenas à interação face a face, mas, segundo Bakhtin (2009), se estende a toda comunicação verbal.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra 'diálogo' num sentido amplo, isto é não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2009, p. 127)

São as perguntas provocadoras de diálogo, porque quem pergunta espera, normalmente, que algo seja dito em resposta pelo outro que recepcionou a questão. Entendemos que a escrita de texto a partir de questões possa provocar um trabalho de linguagem ininterrupto que transita da leitura para a escrita em uma sistematização que se faz aberta, pois se constrói no equilíbrio entre exigências opostas, ora tendendo à repetição, ora à diferenciação (GERALDI, 2013). Nossa hipótese é que o texto, resultante desta atividade, se encontra marcado pelo molde que as questões direcionam, mas também heterogêneo e diverso porque impregnado de cultura e de subjetividade.

Tomando por *corpus* de análise, textos escritos por crianças a partir de uma atividade escolar de leitura de questões, este estudo, fundamentado em Authier-Revuz (2004), Bakhtin (2009), Geraldi (2013), Rojo (2006) e Santos (2012), pretende analisar os textos infantis a fim de apontar marcas de repetição, decorrentes da leitura das questões, e marcas de diferenciação, decorrentes de elementos novos que as crianças possam trazer para o texto como evidências de transgressão, invenção e diversidade.

Para fins de apresentação, o artigo foi organizado em duas seções. A primeira, intitulada “Procedimentos metodológicos: diálogo com o texto da criança”, faz referência aos sujeitos, ao *corpus*, ao *locus* e às categorias de análise. A segunda, “Análise dos dados: Escrita de texto como resposta a questões”, apresenta a consigna da atividade de escrita e a análise de quatro textos infantis. Por fim, constam as considerações finais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: DIÁLOGO COM O TEXTO DA CRIANÇA

Neste estudo, a criança, como sujeito social, é vista como um sujeito capaz de aprender a ler, a compreender e a escrever textos, agir sobre eles e transformá-los, atribuindo-lhes significações novas. E o professor, enquanto sujeito histórico, não é mero reproduzidor do antes feito, mas é capaz de refletir sobre suas práticas e transformá-las para criar condições novas, mais dialógicas, que levem a criança a aprender a ler e a escrever de modo autônomo.

É a escola o *locus* deste estudo, mais especificamente a sala de aula, enquanto um espaço de interação no qual os sujeitos vivenciam relações sociais, dialogam e exercem influências recíprocas, além de interagirem com diferentes objetos de conhecimento, mediados pela leitura, tais como livros, textos e atividades de escrita, que trazem a palavra de outros sujeitos. Conforme Rojo (2006, p.11), no contexto escolar, o ensino da língua ocorre em “suas relações com a cultura e as práticas sociais, com a interação, com o ensino-aprendizagem”.

O *corpus* foi constituído por trinta textos escritos por crianças de oito anos de idade, a partir de uma consigna com oito questões, no dia 18 de novembro de 2015, em sala de aula, mais

especificamente em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de escola pública municipal, em Belém-PA. Em primeiro lugar, numa perspectiva dialógica, reconhecemos o texto da criança como uma resposta que ela deu, por escrito, à atividade proposta pela professora. Em segundo lugar, como uma atitude responsiva, procuramos construir uma sistematização a partir dos elementos que se repetem e se diferenciam em cada texto, baseada em Geraldi (2013).

Para fins de análise, após o estudo exploratório do *corpus*, devido aos elementos semelhantes e distintos que apresentaram, agrupamos os textos das crianças em três categorias:

- a) quando a criança apresenta uma ‘imagem de texto’, evidenciando uma leitura icônica;
- b) quando o texto se apresenta como um ‘complemento às questões’, constituindo-se em um rótulo, cuja leitura prescinde da consigna;
- c) quando o texto da criança se apresenta ‘autônomo’, seja porque o sentido do texto se faz completo independente da leitura da consigna, seja porque traz elementos novos para além da resposta às questões.

Dos trinta textos analisados, selecionamos quatro textos para ilustrar nossa análise, cada um apresentando características distintas, constituindo uma heterogeneidade enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 2004) e algumas peculiaridades que demandam, em uma perspectiva dialógica (BAKHTIN, 2009), uma resposta do professor.

ANÁLISE DOS DADOS: ESCRITA DE TEXTO COMO RESPOSTA A QUESTÕES

O discurso resulta da atividade humana e social de se comunicar por meio de uma diversidade de textos, sejam eles orais ou escritos. Para Bakhtin (2009, p. 116), “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social a qual pertence o locutor”. Compreendemos, neste estudo, que o texto que a criança escreve depende de suas escolhas, como autor, em função de seu interlocutor, que é o professor. Assim, a análise de textos deve considerar o contexto de produção, os interlocutores da interação e as condições de produção do texto.

O contexto de produção foi escolar, mais precisamente a sala de aula de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de escola pública municipal em Belém, cujos interlocutores da interação foram trinta crianças e a professora da turma. No que se referem às condições de produção do texto, a escrita de texto se baseou na leitura de oito questões, sendo uma indireta e sete diretas, sobre o açaí, que é um alimento da culinária paraense, portanto um elemento da cultura das crianças, cujo tema é de seu conhecimento (Figura 01).

Figura 1: Consigna-questões à atividade de escrita.

O açaí é um fruto muito consumido em Belém. Escreva um texto contando como você toma açaí. Onde você toma açaí? Quando você toma açaí? Com quem você toma açaí? Como é o açaí? De onde vem o açaí que você toma? Quem é que produz o açaí? Qual é o preço do açaí em seu bairro?

Fonte: SEMEC/CFP, 2016.

Ao escrever um texto escolar, a criança deve tanto reunir informações sobre o tema, acessando conhecimentos de mundo de sua bagagem cultural, quanto acessar conhecimentos textuais e linguísticos referentes à forma e à linguagem a ser usada no texto. Para isso, a consigna da atividade fornece elementos que orientam a produção infantil e funcionam como apoio ao trabalho de escrita pela criança.

A consigna da atividade iniciou com uma afirmação, em seguida solicitou a escrita de “um texto contando como você toma açaí”. A escolha do tema ‘açaí’, pelo elaborador da atividade, evidenciou a intenção de se propor um tema ligado ao cotidiano da criança que versa sobre a cultura paraense. De modo que a consigna definiu a temática do texto a ser escrito pela criança, pressupondo que todas as crianças conhecem e costumam tomar açaí. Como também, trouxe perguntas que indicaram as informações a serem abordadas no texto, assim a consigna indicou a temática e direcionou sobre o que a criança deveria escrever.

No entanto, a consigna, ao não apontar para a escrita de um gênero textual específico, deixou a forma textual à escolha da criança. Se ela irá escrever um texto informativo ou narrativo, por exemplo, caberá à criança decidir a partir do que vem se apropriando acerca dos textos e de suas formas de escrita.

Figura 02: Texto-resposta de Bárbara, 8 anos.

O açaí é um fruto muito consumido em Belém. Escreva um texto contando como você toma açaí. Onde você toma açaí? Quando você toma açaí? Com quem você toma açaí? Como é o açaí? De onde vem o açaí que você toma? Quem é que produz o açaí? Qual é o preço do açaí em seu bairro?

O açaí é um fruto muito consumido em Belém. Escreva um texto contando como você toma açaí. Onde você toma açaí? Quando você toma açaí? Com quem você toma açaí? Como é o açaí? De onde vem o açaí que você toma? Quem é que produz o açaí? Qual é o preço do açaí em seu bairro?

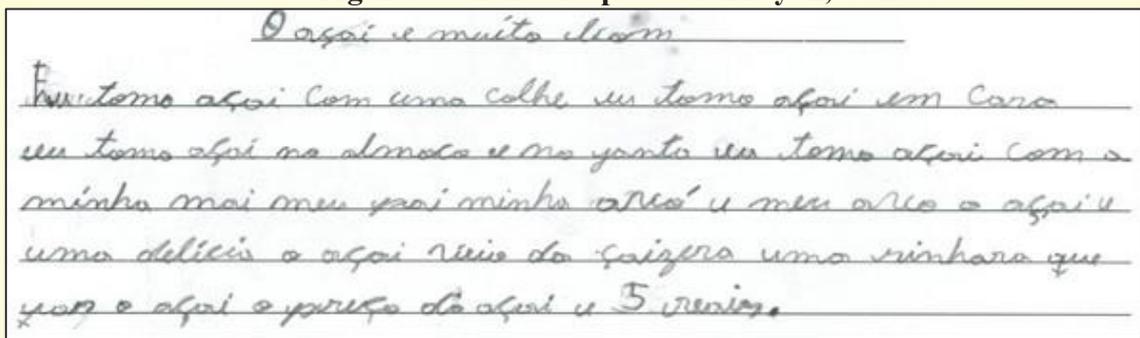
Fonte: SEMEC/CFP, 2016.

A escrita de Bárbara, na Figura 02, com um título e três linhas, embora apresente características formais próprias dos textos e faça uso de letras do alfabeto e espaçamento na escrita de supostas palavras, o sentido não pode ser recuperado pelo leitor apenas a partir do que foi grafado

no papel. Bárbara ainda não completou o conhecimento do sistema de escrita alfabética.

No contexto da sala de aula, carecia que a professora solicitasse a ela que lesse o que escreveu, para que o texto se tornasse conhecido. Em escritas, como a de Bárbara, reconhecemos o esforço da criança em escrever um texto e entendemos que ela apresenta uma ‘imagem de texto’, evidenciando uma leitura icônica, pois do modo como foi escrito, o texto não está legível para outro leitor da língua portuguesa. O que Bárbara precisa aprender é o sistema de escrita alfabética.

Figura 03: Texto-resposta de Brayan, 8 anos.



Fonte: SEMEC/CFP, 2016.

Brayan, na Figura 03, escreveu um texto, em cinco linhas e um título, sobre o tema solicitado na atividade de escrita. De modo geral, as crianças responderam em seus textos parte das questões. Mas Brayan respondeu as oito questões da consigna, como se vê no Quadro 1. Lendo seu texto, podemos verificar que ele interagiu com o escrito, compreendeu o que leu e respondeu às questões atendendo ao solicitado.

Brayan estabeleceu diálogo com as questões da consigna e as respondeu sem acréscimo de elementos que a extrapolassem. Seu texto se apresenta como um ‘complemento às questões’, pois as informações seguem a mesma ordem das questões da consigna, constituindo-se em um ‘rótulo’, cuja leitura parece não se desprender da consigna (Quadro 1).

Quadro 1 - Análise do texto-resposta às questões da consigna

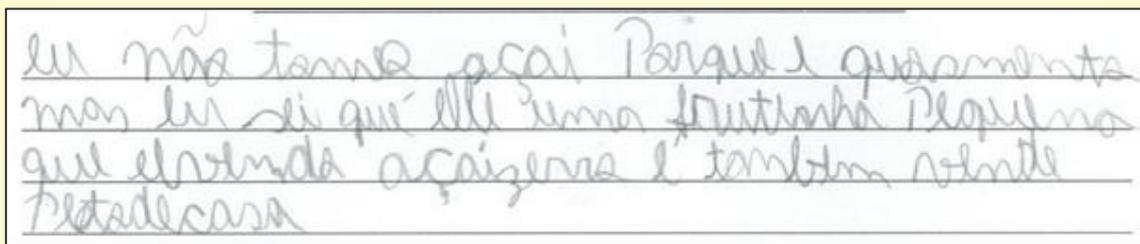
Questão	Texto-resposta do Brayan
(1) Como você toma açaí?	“Eu tomo açaí com uma colher” (l. 1)
(2) Onde você toma açaí?	“Eu tomo açaí em casa” (l. 1)
(3) Quando você toma açaí?	“Eu tomo açaí no almoço e no jantar” (l. 2)
(4) Com quem você toma açaí?	“Eu tomo açaí com minha mãe, meu pai, minha avó e meu avô” (l. 2 e 3)
(5) Como é o açaí?	“O açaí é muito bom” (título) “O açaí é uma delícia” (l. 3 e 4)

(6) De onde vem o açaí?	“O açaí vem do açaizeiro” (l. 4)
(7) Quem é que produz o açaí?	“Uma senhora que faz o açaí” (l. 4 e 5)
(8) Qual é o preço do açaí?	“O preço do açaí é 5 reais” (l. 5)

Fonte: SEMEC/CFP, 2016.

As questões serviram de apoio para Brayan, fazendo a mediação para sua escrita. Nas duas primeiras linhas, o enunciado “Eu tomo açaí” (l. 1 e 2) foi escrito quatro vezes, caracterizando uma repetição (GERALDI, 2013). Porém, a criança não ousou à diferenciação (GERALDI, 2013). Ainda que ele tenha atendido ao solicitado na consigna, seu texto, produto desta atividade, se encontra marcado pelo molde que as questões direcionaram.

Como fazer para que crianças, como Brayan, que já sabem ler e escrever um texto compreensível ao leitor, possam produzir textos mais autônomos que se desprendam do solicitado? Essa é uma questão que cabe ao seu professor responder.

Figura 04: Texto-resposta de Renan, 8 anos.

Fonte: SEMEC/CFP, 2016.

Diferentemente de seu colega Brayan, Renan, na Figura 04, escreveu um texto, em quatro linhas e sem título, sobre o tema solicitado na atividade. Das oito questões da consigna, a criança respondeu apenas duas: “Como é o açaí?”, cujo texto-resposta traz: “Ele é uma frutinha pequena” (Renan, l. 2) e “De onde vem o açaí?”, para a qual escreveu: “ele vem do açaizeiro e também vende perto de casa” (Renan, l. 3 e 4), configurando uma repetição (GERALDI, 2013).

No entanto, Renan ousou à diferenciação (GERALDI, 2013), ao escrever na primeira linha: “Eu não tomo açaí porque é gosmento”. Ele posicionou-se contrário à suposta ideia criada pelo texto de que “todos paraenses gostam de açaí”, podemos verificar que ao escrever seu texto, ele transgrediu à resposta esperada pela professora na atividade, constituindo-se, em parte, em uma escrita autônoma e transgressora.

Outras crianças, assim como Renan, apresentaram diferenciação em seus textos, como se vê no texto de Karolina (Figura 05), que deu como título ao seu texto: “O açaí de Belém”, destacando a procedência do produto, cujo nome da cidade foi resgatado da primeira frase da consigna.

Figura 05: Texto-resposta de Karolina, 8 anos.

O Açaí de Belém.

Era uma vez o açaí, o açaí é uma comida que toda pessoa come, toda famíliazinha toma o açaí. Toda vez que eu vou com a minha mãe a minha mãe sempre compra o açaí dia de sábado, o açaí eu como com açúcar farinha leite minha família ao vezes vai na minha casa para tomar açaí em família. O açaí é bem branco bem vermelho o açaí tem de uma variedade de açaí as pessoas sabem mais antigos de açaí e fazem o açaí desta para fazer eles lavam o açaí e batem numa máquina de açaí, o preço do açaí no meu bairro é 4,00 reais e a minha família gosta muito do açaí.

O açaí de Belém.
fim

Fonte: SEMEC/CFP, 2016.

Em um texto com catorze linhas, na introdução, Karolina escreveu: “Era uma vez o açaí. O açaí é uma comida que toda pessoa come. Toda a minha família toma o açaí” (Karolina, l. 1, 2 e 3), cujo trecho responde a uma questão que não constava na consigna: “O que é açaí?”. Isso evidencia um trabalho autônomo advindo do discurso interior.

Em uma abordagem bakhtiniana, o homem é um ser de linguagem que se constrói e se desenvolve a partir dos signos sociais, nas relações sociointeracionais, agindo internamente sob a lógica destas relações, das quais emergem gestos singulares (FARACO, 2007), tal qual se mostrou no texto de Karolina. O início de seu texto não se deteve no que solicitavam as questões da consigna, a menina trouxe elementos novos, evidência de sua subjetividade.

Além disso, assim como Brayan, Karolina respondeu a todas as questões, como se vê no Quadro 2. No entanto, ela não seguiu no texto a mesma ordem das questões na consiga, Karolina modificou a ordem das informações no texto que produziu. Isso também indica uma transgressão própria de uma escrita autoral.

Quadro 2 - Análise do texto-resposta às questões da consigna

Questão	Texto-resposta da Karolina
(1) Como você toma açaí?	“O açaí eu tomo com açúcar e farinha” (l. 5)
(2) Onde você toma açaí?	“Toda vez que eu tomo eu tomo na minha casa” (l. 3 e 4)
(3) Quando você toma açaí?	“A minha mãe costuma comprar o açaí dia de sábado” (l. 4 e 5)
(4) Com quem você toma açaí?	“Toda a minha família, às vezes, vai na minha casa para tomar açaí em família” (l. 6 e 7)
(5) Como é o açaí?	“O açaí é bem bonito, bem roxinho” (l. 8)
(6) De onde vem o açaí que você toma?	“O açaí vem de uma árvore de açaí” (l. 8 e 9)
(7) Quem é que produz o açaí?	“As pessoas sobem nas árvores de açaí e pegam o açaí, levam para loja. Eles lavam o açaí e batem numa máquina de açaí” (l. 9 e 12)
(8) Qual é o preço do açaí?	“O preço do açaí no meu bairro é 4,00 reais” (l. 12 e 13)

Fonte: SEMEC/CFP, 2016.

Karolina iniciou seu texto, instaurando um tom narrativo ao texto informativo, com a expressão “Era uma vez”, que é muito usada por crianças no início de narrativas em alusão aos contos de fadas. E, no final do texto, ela retomou uma ideia já trabalhada por ela no texto: “A minha família gosta muito de açaí” (l.13 e 14). Tanto o início quanto o final do texto apresentaram modos de diferenciação (GERALDI, 2013).

De modo geral, podemos dizer que as crianças escreveram sobre a temática proposta, porém por vezes trouxeram para os textos as informações indicadas pelas questões ou parte delas e por vezes os textos apresentaram elementos novos, próprios de suas vivências, da bagagem cultural e dos conhecimentos que vêm construindo sobre a escrita e os textos, para além do que indicou a consigna.

Na análise, para uma mesma consigna, verificamos quatro textos com características distintas, portanto encontramos uma heterogeneidade discursiva nos textos infantis. Pois, evidenciamos, com o estudo, que o discurso do outro, presente na consigna, mediou e constitui o discurso da criança em seu texto, ora apresentando-se como ‘molde’, nas atividades de repetição, e ora servindo de apoio para formas de diferenciação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dialogar com os textos infantis, reconhecemos a criança como sujeito social e produtor de cultura. Isso porque seus textos não se limitam à reprodução do discurso escolar e à resposta às questões da consigna, ao escrever as crianças transgridem ao solicitado, acrescentam ideias novas,

modificam a ordem da proposta, como evidências de transgressão, invenção e diversidade (SANTOS, 2012).

Além disso, como vimos na análise que ora realizamos, são os textos das crianças heterogêneos, marcados pelo discurso do outro com o qual interagiram e impregnados de subjetividade e cultura. Isso porque os elementos do cotidiano e as relações que estabelecem com as pessoas com quem convivem foram retratados no texto pela criança a fim de responder às questões e extrapolá-las em seu conteúdo.

Enquanto sujeitos que estão aprendendo a escrever, em contexto de alfabetização escolar no 3º ano do Ensino Fundamental, as crianças revelam em seus textos o que já sabem sobre a língua escrita e o que ainda precisam aprender. Tratando-se de uma atividade escolar, a resposta a ser dada pelo professor à turma, compreendendo a heterogeneidade das marcas do trabalho de escrita da criança, também deve ser diversa. Neste sentido, como sugestão, entendemos que:

- a) as crianças, que escrevem como Bárbara, devem ser trabalhadas para que aprendam a escrever, conforme o sistema de escrita alfabética;
- b) as crianças, que escrevem texto como Brayan, devem ser incentivadas a trazer para seu texto elementos que extrapolem a consigna, tornando-o mais autônomo e autoral;
- c) as crianças, como Brayan, Renan e Karolina, que escrevem demonstrando compreensão do sistema de escrita alfabética, devem ser orientadas pelo professor a fazer a revisão de seu texto, quanto aos aspectos ortográficos, aos recursos coesivos e à pontuação.

O que cada criança precisa, neste momento de escolarização, aprender? Considerando a heterogeneidade discursiva, a subjetividade e a cultura infantil, esta é uma questão necessária a ser respondida no diálogo entre o professor e as crianças que emerge nas práticas escolares. De modo que podemos formular outros questionamentos e dar às crianças outras respostas possíveis.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. **Revisão Técnica da Tradução**. BARBISAN, Leci Borges; FLORES, Valdir do Nascimento. (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

FARACO, C. A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C. A. et al. **Diálogos com Bakhtin**. 4.ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2007. p. 97-108.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

SANTOS, M. W. Crianças no tempo presente: a sociologia da infância no Brasil. **Pro-Posições**, v. 23, n. 2, Campinas, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072012000200017>> Acesso em: 05 ago. 2016.

Recebido em: 19/10/2016
Aprovado em: 20/12/2016